

## O OLHAR URBANO

<sup>1</sup>YASMIN PRADO DE OLIVEIRA; <sup>2</sup>HELOISA HELENA DUVAL DE AZEVEDO

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - yasminprado98@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – profa.heloisa.duval@gmail.com

### INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo rodeados de imagens. Tal afirmação advém da observação dos meios midiáticos, redes sociais, publicidade, televisão, e de tudo que podemos encontrar nas ruas. Para Rossi (2006, p. 9), esse fenômeno é nomeado como “civilização da imagem”. Devido a essa explosão de informações imagéticas na contemporaneidade, algumas imagens relevantes nos passam despercebidas. Diante disso, e preocupada com a formação de crianças em Arte, a proposta desta atividade é educar o olhar apontando-o para o meio urbano. Esta experiência realizada em julho de 2018, foi desenvolvida na disciplina de Artes Visuais na Educação – Pré-Estágio I, pela professora Maristani, oferecida pelo curso de Artes Visuais Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas.

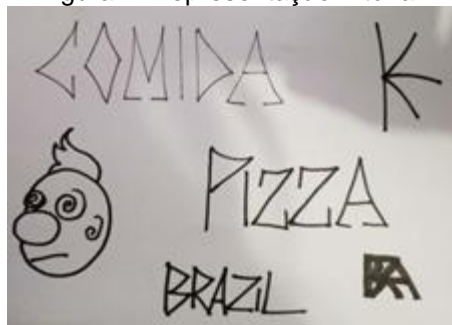
### METODOLOGIA

Propus para dois jovens, naturais de Manaus/AM Vitória com 21 anos e Felipe de 23 anos de São Paulo/SP, a criarem um “pixo” de sua autoria, a partir do seu conhecimento sobre a pixação, os materiais utilizados por eles foram papel e caneta preta. Para as crianças, sendo elas minhas familiares, a proposta era desenhar aquilo que era visto na rua, com a intenção de conhecer o olhar infantil, ambas são naturais de São Paulo/SP, tendo Maria Alice de 5 anos e Sara de 11 anos, os materiais utilizados foram papel, canetinhas, lápis de cor e régua.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

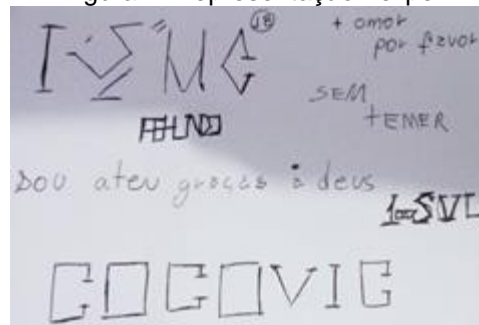
Iniciando a proposta, os dois jovens executaram uma pixação, ou aquilo que eles reconhecem como pixo, ambos realizaram juntos, e tiveram total liberdade na representação, lembrando que há uma diferença de movimentos urbanos entre pichação e pixação. De acordo com o desenvolvimento dos trabalhos, podemos notar que as letras garrafais (característica principal da pixação), está presente nos pixos da Vitória, e nos pixos do Felipe acontecem os dois movimentos, a pixação e pichação, conforme as figuras abaixo:

Figura 1: Representação Vitória



Fonte: Yasmin Prado

Figura 2: Representação Felipe



Fonte: Yasmin Prado

Na segunda atividade, as duas crianças representaram o que é visto na rua sem interferência de adultos na produção, valorizando a pesquisa pessoal da criança, para Martins (1998, p. 97) a criança está em atitude de pesquisa, exercitando suas ações e pensamentos. As duas questionavam não saber fazer, e Sara estava ainda mais insegura e utilizou escritas e réguas nos seus desenhos, o que de acordo com Lave (2006, p. 57) é comum o bloqueio criativo entre as crianças do fundamental e atualmente até na educação infantil, segue as imagens das representações abaixo:

Figura 3 : Desenho Sara



Fonte: Yasmin Prado

Figura 4: Desenho Maria Alice



Fonte: Yasmin Prado

## CONCLUSÃO

Após a execução dos pixos com os jovens, é possível pensar que não há uma percepção urbana, o olhar das pessoas não se relacionam com o ambiente em que se vive, o que para Ponty (1984) a percepção é consciência, e consciência é percepção, sem isto não é possível identificar a relação entre si e o meio em que se vive, o mesmo afirma que:

A percepção abre-me o mundo como o cirurgião abre um corpo, percebendo, pela janela que fez, órgãos em pleno funcionamento, vistor na sua atividade, vistos de lado. É assim que o sensível me inicia no mundo, como a linguagem me inicia no outro: por lenta justaposição (PONTY, 1984: 202).

E, com as crianças, é correto afirmar que o olhar se encontra distante do seu meio social, não fazendo o reconhecimento dos lugares que frequenta, ou seja, não há o hábito de ensinar a criança a observar o mundo e as manifestações que acontecem ao seu redor, e isso reflete nos jovens que executaram de tal forma o movimento da pixação. Conforme Ostetto (2011, p. 4) “a essa altura é fundamental

que façamos a pergunta: nossos roteiros educativos arriscam-se por lugares e territórios que não conhecemos ? Ou ficam presos aos limites da pasta.”.

Desenvolver com o aluno a percepção do espaço em que se vive, é de extrema importância para o próprio reconhecimento pessoal e social, a arte urbana inserida nas paredes tem um cunho político, social e moral nas escritas, e é uma expressão artística, as classes precisam reconhecer o que está ao seu redor, e ver que as paredes falam, assim como as propagandas, a televisão, as redes sociais e as demais imagens que nos cercam, pois, não temos que limitar a visão do aluno, e sim ampliar o seu olhar para o mundo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança**. Prática e Formação de educadores. Porto Alegre: Zouk, 2006.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha T. **Didática do ensino da arte**: a língua do mundo, poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil e Arte**: sentidos e práticas possíveis. Acervo Digital da UNESP, 2011. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/320>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

ROSSI, M. H. W. **Imagens que falam**. Leitura da arte na escola. Porto Alegre: Mediação, 2003.